

O PROGRESSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Preço da assignatura

Anno (sem estampilha)...	1\$200
Semestre.....	600
Anno (com estampilha)...	1\$500
Semestre.....	750
Brazil e Africa, anno (pagamento adiantado)...	3\$500
Numero avulso.....	40

Os originaes, sejam ou não publicados, não se restituem.

Preço das publicações

Annuncios e com., por linha..	40
Repetições.....	20

Annuncios commerciaes publicam-se por contracto previo e os litterarios em troca d'um exemplar.
Os snrs. assignantes teem 20 p. c. de abatimento.

Proprietario — ABILIO COUTINHO

ADMINISTRAÇÃO — TYPOGRAPHIA MINERVA

GUIMARÃES, 29 de maio de 1898

O PÃO E OS CAMBIOS

"O pão fabricado com a flôr da farinha do trigo (pão mais vulgarmente usado entre nós) tem um valor alimentar muito inferior e o inconveniente de concorrer muito para produzir a constipação do ventre.

"Pelo contrario, o pão grosseiro, feito com a mistura de diversas farinhas, especialmente a de centeio, previne notavelmente aquelle incommodo e fornece maior quantidade de materias nutritivas. Estes factos, apesar das contestações que tem soffrido, estão hoje perfeitamente confirmados, o que tem feito que já se comece a comprehendere que muito se tem abusado da peneiração das farinhas com o fim de preparar um pão que, embora d'um aspecto atractivo, foi espoliado d'um certo numero de principios que gozavam d'um papel importantissimo no acto digestivo e na nossa alimentação.

(Extracto d'um substancioso artigo do sr. dr. A. Mattos Chaves, publicado em o.º 1 vol. 15 da excellente publicação vimaranense — Revista de Guimarães).

Não é pois só com a autoridade d'um poeta patriota, o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, que vamos tambem juntar a nossa voz humilde contra a invasão do pão de trigo nas nossas mesas de jantar: é tambem com a autoridade d'um medico distincto, que recommenda a preferencia do pão a qualquer outro alimento, o uso do pão de milho e centeio em preferencia ao pão de flôr de farinha de trigo, o mais attrahente, o mais leve, mas sem as qualidades nutritivas e saudáveis das outras farinhas.

Não ha ainda decorridos cincoenta annos que o pão de trigo tinha um uso excepcional, e mui restricto nas provincias do norte. Usava-se

largamente no sul, e na capital do reino, nas provincias e proximidades da região principal productora d'este cereal.

O contacto mais intimo e frequente com Lisboa, e o desejo da distincção social nas delicadesas de alimentação, propagaram de Lisboa para o norte o uso immoderado do trigo.

Comer pão de borôa? de milho grosso? e com a mistura plebeia do centeio?... Confundir-se a gente que se presa de bem educada, com todos os requintes de delicadeza, com todas as manifestações de remediada, ou de rica, a gente que bebe chá á noute, e esqueceu o caldo substancioso dos nossos avós, as damas, que não desejam agradar pela robustez, pela côr apetitosa reveladora de saúde e força, garantia de disposições para trabalho e actividade no governo domestico, garantia de saúde dos filhos a conceber e procrear... confundir-se a gente que põe gravata, e vae a um baile comer pasteis, ou vêr reduzir a cinta de donzellas a cinta de vespas nas torturas e cilícios d'um espartilho e deturpar com callos e rugosidades os pés de pelle lisa e lustrosa nos sapatinhos apertados, ou estragar a cara com pós d'arroz... confundir-se com os ganha-pão, com os rudes lavradores, com as gorduchas e sadias raparigas do campo... não, isso é que não!

Pois ex.ºs elegantes, gentilissimas damas e nossas amáveis leitoras: não se esqueçam que antes de nossos avós comecem o pão de milho grosso e substancioso, cosido nas cosinhas que tinham optimo forno como indispensavel utensilio e ornato, antes, muito e muito antes, entre as familias da raça ou raças de que provimos, habitava-se nas cavernas, zuggavam-se tutanos

de ossos de feras, ou saboreavam-se os fructos silvestres. Mas esses nossos avós prehistoricos não possuíam espadas, e domavam as feras; não possuíam armas de fogo, e batiam-se contra animaes dos mais potentes, dos mais ferozes. Grosseiros, rudes, selvagens, homens vestidos de pelles mal curtidas, mulheres semi-nuas, mas robustissimas, desconhecendo este cortejo progressivamente medonho de doenças nervosas até produzir a frequência de leucosia, o incremento tremendo das affecções cardiacas, e as anemias que apoucam, desfallecem e arrastam antes de tempo á tristeza final das sepulturas!

E — que contradicção de ideias! — viverem n'uma epocha em que Chiverlain affirma para que as nações vivas e valentes retalem as mortas e moribundas; viverem n'uma epocha, em que mulheres e homens, elegantes, delicados, sentimentaes para adorar a lua como os apaixonados das epochas romanticas, ou imitar a Aveinha amorosa de Bernardim Ribeiro, não pensam todavia, não vêm, não se arriscam, não se afoutam senão na caça do dote, manifestação vulgar do dominio positivista, e contradictoriamente despresamos a saúde, a força que d'ella provém, a saúde e robustez que produz os dentes alvos, as côres brilhantes, a viveza d'olhos, o andar firme, o dote, a riqueza, a maior fortuna d'esta vida de trabalhos e de cuidados de toda a ordem!

Que confusão de ideias, que contradicção de costumes!

No momento presente o uso immoderado do trigo, inconveniente e

excessivamente generalisado, affecta profundamente a nossa economia nacional, e assim concorre com a maior intensidade para o empobrecimento pavorosamente progressivo do paiz.

As nossas regiões do trigo não o produzem na abundancia correspondente ao consumo. Produzirão um terço; todo o mais vem de fóra. A nação d'onde principalmente se importa é dos Estados Unidos.

Se antes da guerra já importava em cifra mui elevada o dinheiro sahido do paiz para fóra; se depois da crise cambial, essa drenagem do dinheiro portuguez se aggravou; agora, com a enorme elevação de preços dos cambios, a importação de trigo em grão e farinhas constitue um dos mais perniciosos factores para o nosso desequilibrio, desequilibrio financeiro ou, governos, desequilibrio assustador para a economia geral do paiz.

Mas que importa aos moageiros e padeiros das capitães do sul e do norte, que os generos encareçam, que as contribuições se aggravem, ou que o paiz decaia na maior das ruínas, na banharota mais completa e vergonhosa, se elles enriquecem?!

O problema da subsistencia publica é sempre dos mais graves para a administração dos governos, quando as crises assoberbam; mas cremos que o actual governo mereceria geral applauso se assegurasse a abundancia nos mercados do cereal do uso mais popular e geral, o milho grosso; e deixasse de preocupar-se, e cavar mais funda a ruína do paiz, fazendo concorrência aos moageiros da capital pela importação de farinhas, compradas a peso d'ouro!

Sempre que haja o milho e centeio barato, não ha receio de fome;

o trigo nacional chega para as necessidades de convalescenças e dietas, e para ostentações da apregoada delicadeza de ricos; proteger a generalisação do uso do trigo, em qualquer epocha, mas principalmente n'esta, é concorrer, de modo mui directo, para o prejuizo da saúde publica, para a preversão da educação domestica e popular, e para a maior ruína da economia publica.

E depois virá qualquer Chamberlain dizer-nos que somos nação moribunda, que é preciso dar-nos remedio heroico... convertendo-nos em colonia efectiva!

E depois — pensem as mães de familia — os seus filhos não se alimentarão a pasteis, nem a trigo, mas hão de comer, se não quizerem cabir de fome no transitio das ruas, o pão negro e duro dos escravos!

Oh mães de familia, dae aos vossos filhos uma educação fortificante, tonica, alimentar e moral, de velhos portuguezes, se quereis de superior satisfação de os vêr, de os deixar, na final separação, felizes e aptos para as durezas da vida!

Ordenou o governo, por decreto, livre a entrada de milho estrangeiro, e prohibiu a exportação de farinhas ou cereaes para o estrangeiro.

Providencias acertadas foram estas, contraminando a alta exaggerada do preço do milho nos mercados. Quem possui riqueza em predios agricolas, deve saber que o cereal mais vulgar tem preço que não pôde ultrapassar certos limites sem offender a ordem publica. O vincto, que não é de primeira e absoluta necessidade, é genero que ao agricultor deve ser mantida com-

FOLHETIM (1)

MANUEL VELEIRO

Quando ha pouco tempo vi demolir as velhas casas, que, defrontando com as que ficam ao lado direito da que eu habito, formavam com estas a denominada Travessa dos Trigaes, no espaço em que hoje comeca a abrir-se a nova estrada da Penha pela Costa, mais uma vez me lembrei de um dos seus antigos inquilinos e da promessa que eu lhe havia feito de lhe escrever a sua biographia militar.

Chamava-se Manuel Veleiro esse bom homem e honradissimo artista, fallecido, haverá uma duzia d'annos, em Azurara, povoação contigua a Villa do Conde, na qual residia desde que findara a guerra civil em 1834. Era natural de Guimarães, nascidinho e creado na Oliveguezia de Nossa Senhora da Oliveira, como sempre me dizia, todas as vezes que me encontrava, não deixando nunca de accentuar aquellas palavras com a mais viva expressão de saudade pela sua terra. Quando uma vez lhe disse onde eu aqui morava, acudiu logo:

—Se sei! se sei! E' na casa do sr. Domingos Arcediago. E tambem sei que já morreu, assim como outros muitos do meu tempo. Mas nem todos terão morrido; ainda por lá haverá alguém que lhe fale do Veleiro caidor.

E não se enganava. A confirmar a indicação que me deu da casa onde morava, ainda ha poucos dias me disse o meu visinho Fortunato jornalista ser ella muito certa e verdadeira, pois que muito bem o conhecera n'ella, a qual, por signal era pegada á sua, a da banda de cá, d'onde agora o desalojaram.

Ora de como e quando se deu o ensejo de mestre Veleiro me contar a historia do seu batalhão, o que equivale a dizer a das suas campanhas, vão os leitores saber pelas seguintes linhas, escriptas no cumprimento da promessa que um dia lhe fiz de passar a letra redonda os apontamentos que elle me dera:

No dia 8 de julho de 1875, por iniciativa do bacharel Albino de Freitas Craveiro, e deixem-me assim dizelo, por contaggio de um certo prurido de expansão liberal que se havia manifestado no Porto em consequencia, dizia-se, de uma tal ou qual provocação reaccionaria a que era preciso responder-se, commemorou-se em Villa do Conde,

com pomposos festejos, o desembarque da esquadra de D. Pedro na praia de Lavra. No programma que os annunciava entrava, como parte obrigada, um cortejo civico, o qual, findo o *Te Deum* na igreja matriz, devia sahinar dos paços do concelho e terminar na *Memoria*, e que, proxima do castello da mesma villa, fóra levantada, logo depois da guerra, em commemoração da entrevista que o major Bernardo de Sá Nogueira alli viera ter com o brigadeiro José Cardoso, commandantes das forças miguelistas ao norte do Porto.

Posto que já residente em Guimarães, tambem eu tive a honra de ser convidado para tomar parte n'aquella festa, e, o que mais é, para a cantar em oitava rima. (Isto de oitava rima foi deliberação minha; não vinha no convite, nem tão pouco no programma). No dia aprasado lá me apresentei, sobraçando a lyra, indo desferil-a junto da *Memoria*, e creio que me não sahi mal, a julgar pela valentissima nortada que lhe distendia as cordas, o que não era de todo indifferente para melhor as fazer vibrar.

Ao fazer o meu cortejo, encontrei-me com o meu patrejo, Manuel Veleiro, que, sem embargo de ter servido nas fileiras de D. Miguel, e, o que não é menos aggravante, em

do proprio brigadeiro José Cardoso, na occasião em que este recebera pouco parlamentarmente o parlamentar Sá Nogueira, não duvidou de me felicitar pelo bom exito da lóa que entoei ao nosso Bayard. E disse-me:

—Olhe que me fez lembrar o que me aconteceu em 1846, quando tambem passei por morto, como o major de quem v. s.ª falou.

Referia-se-me a que eu fallara nos meus versos, alludindo ao caso de aquelle valente militar ter sido considerado morto, na guerra peninsular, quando, incumbido de explorar a estrada de Tarbes, teve de entrar no combate de Viela, onde os francezes o deixaram muito mal ferido.

—Quando isso me aconteceu, continuou Manuel Veleiro, ainda v. s.ª era uma creança. Lembro-me de o ver n'esse dia, ao pé do paisinho e da maisinha, que muito fizeram para que eu me livrasse de ser fusilado pelos soldados do barão do Casal, mesmo dentro da casa onde fui recolhido. V. s.ª era ainda creança, era; mas talvez se lembre de me lá ter visto.

—Lembro, mestre, lembro, disse-lhe eu.

—Mas talvez não saiba como o caso se passou, tornou elle; a não ser que a maisinha lh'o tivesse contado, ou o paisinho.

—Contaram, sim; mas não tudo que eu depois desejaria saber. Foi isso quando viemos de Braga para Villa do Conde, no dia em que o mestre Manuel appareceu a visitar-nos.

—Como era da minha obrigação. —Obrigado, mestre. Depois fui para Coimbra, não se deu occasião de falarmos outra vez n'isso, meus pais morreram, eu sabi de Villa do Conde, e quando a gente comeca a sentir uma certa curiosidade pelas coisas que já lá vão, é que não tem quem lhe dê informações.

—Pois heide-lh'as dar eu, e muito por miudo, respondeu elle de um modo a fazer-me conhecer o grande desejo que tinha de me contar a sua vida. Sei que volta amanhã para Guimarães, para a minha boa terra, e não seria agora a occasião de eu lhe dar conta de todos os trabalhos que passei. Quando torna a apparecer por cá?

—Tenciono voltar brevemente, disse-lhe eu, e com demora de alguns dias. Não me esquecerei de o procurar ou de o mandar chamar.

—Olhe lá!

—Tenha a certeza.

—Pois então que v. s.ª vá e volte com muita saudinha, e que me encontre ainda vivo para o abraçar outra vez.

(Continúa).

F.

pleta liberdade na exigencia de preços, como é licito aos productos de qualquer outra industria.

Mas o governo deverá fazer mais: abster-se de concorrer contra produtores e moageiros, importando trigos e farinhas a peso d'ouro. Não é genero d'imprescindivel uso, de absoluta necessidade: não se morre de fome, nem é preciso que as populações recorram ás raizes d'arvores, ou roam solla, porque não ha trigo.

Comem pão de milho, como comiam nossos paes, e avós, e que duraram annos dilatados no goso de força, e n'alegria que produz a conservação de boa saúde.

Aos heroes de Cavite

Férvido amor da Patria, mãe querida,
Ao longe vos levou por defendel-a;
Por ella d'estes n'um martyrio a vida...
E, agora, que darieis só por vê-la?

A vida... não julgueis fôsse perdida,
Que a Historia aberta haveis de sempre tel-a,
Por vós fallando nunca desmentida,
Que por Heroes bem alto falla ella!

Mas vêr a Patria... oh não! Triste orphanidade!
Deixae, porém, vingal-a a vossa morte,
Que ella cobrir de gloria os mortos ha-de!

Se o vosso braço generoso e forte
Podéra erguer-se na posteridade
Para abraçar a Mãe... que bella sorte!

Maio de 98.

ADIVINHA?

Guimarães não tem policia nem luz!

Esta cidade foi ha dias alarmada por um crime hediondo, de que não ha memoria nos annaes da historia vimaranense.

A terrivel faca do homicida levantou-se no ar, a lamina d'ago brilhou á escassa claridade d'um lampião e dezoito vezes penetrou com valentia no corpo d'um homem indefenso, assassinando-o em menos de cinco minutos!

O desgraçado só teve tempo de levantar dois gritos de socorro!

Ninguém foi em seu auxilio porque a rua estava deserta!

Não havia luz que amedrontasse o assassino!

O infame valeu-se das trevas e do silencio para embeber, com ferocidade, a faca no sangue da sua victima!

Que dirá a sociedade que não está habituada a presenciar estes crimes horrosos?

Se as ruas fossem policiadas e se a iluminação publica estivesse regularmente disposta, com focos de luz sufficientes,

estamos convictos de que tal crime, que horrorizou uma população inteira, não se daria. Ter-se-hia limitado a duas bofetadas, quando muito.

A quem, pois, cabe a responsabilidade d'este monstruoso crime? A nós, que de ha muito vimos reclamando um corpo de policia? A nós, que todos os dias pedimos ao senado vimaranense para melhorar as *candeias* que se ostentam n'essas ruas e praças?

E' chegado o momento, meus senhores, de nos levantarmos, um por todos e todos por um, para reclamar da camara municipal a segurança das nossas vidas e dos nossos haveres.

Em nome, pois, dos municipes vimaranenses, do progresso e da civilidade, aqui nos achamos, d'onde havemos de pugnar por aquillo a que temos inquestionavel direito.

Precisamos de policia e carecemos de importantes melhoramentos na iluminação publica. Queremos, senhores camaristas, as seguranças e as garantias que nos tirem dos receios que nos assaltam, porque a nossa vida está á mercê do assassino e do ladrão!

Guimarães precisa d'um corpo de policia e de melhor luz.

LYRAS

PORTUGAL EM FESTA

(Poesia recitada pelo autor em uma sessão academica patrotica celebrada no collegio de S. Damaso, em homenagem a Vasco da Gama, no dia 18 de maio de 1898)

Do passado relendo, hoje, alta a gloria,
Recordando saudosas tradições
Que ainda assaz rebrilham na historia,
Exulta Portugal, entre as nações.

Com elle estas acodem exultando
Em harmonica, unisona ovação,
De seus maiores ás glorias dando
De jubilo a nobre sagração.

Por isso que atraz sombras revolvendo,
Sendando o ignoto abysmo tão profundo,
E mares temerosos que vencendo,
Se lhes franqueara a luz de inteiro um mundo.

Ainda que, já hoje, elle caçado,
Como já velou um forte lutador,
De mundos por allem ter conquistado...
De tantas gentes ser dominador.

Sente, abrasado, arfar-lhe ainda o peito,
Accendido na fé do patrio amor
Pelo mais atroante, heroico feito,
Que o aureolou de athletico fulgor.

Nos brazões d'ouro, então, da sua fama
Que o tempo roedor jámais consome,
E' a crôa a brilhar — Vasco da Gama
Circundando seu grande e nobre nome!

E' o vulto heroico, audaz e destemido
Que a sua historia aponta, hoje, ás nações;
E' aquelle a quem foi também devido,
Ao longe, abrir ás novas gerações

Acolá, d'um modo vago,
Marca o logar d'um kiosque;
D'uma concha faz um lago,
E com tres ervas um bosque.

Arroja a locomotiva
Por essas campinas fora,
Cae-lhe o suor da fronte altiva,
Como o orvalho caê da aurora.

Ergue palacios, basares,
Pontes, muralhas, viaductos,
As florestas seculares
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destroe,
E' um architecto e um guerreiro;
Brilhante como um heroe
E sujô como um pedreiro.

Faz nas formigas destroço,
Como os inglezes nos chins:
A Rhodes tira o colosso
E a Babilonia os jardins.

Um futuro a ser todo esplendente
De invejosas grandezas e façanhas,
Trashbordando-as assim immensamente
D'essas grossas riquezas e tamanhas

Que n'ellas, engrossando, tanto abundam
Nas industrias, nas artes e nas sciencias,
De astros a flamejar que lhes circundam
Um viver cumulado de excellencias!

Reverentes se curvam, pois, então,
Com nosso Portugal em festa ovante,
Em preito de acatada rendição
Ante um vulto opulento, augusto e grande.

Altisono o seu brado assim echôa
Ao indomito, audaz navegador,
Enchendo os quatro ventos de Lisboa
Com os brados do reino em derredor.

Nós, filhos predilectos, stremecidos
Que somos do indefeso Portugal,
De seus heroes jámais somos esquecidos,
Sagrando-lhes amor sempre leal.

Ufanosos, por isso, saudamos
O grande heroe da nossa nobre historia;
Hoje também, ruidosos, exultemos
Por esta inolvidavel tal memoria.

Que ella rutila sempre, sempre viva,
Qual sol de inoffuscavel, proube luz,
Com lampejos de olhar bello de diva
Em céu d'amor por onde se conduz.

De nação em tam grande pequenez
Contemplando as grandezas do passado,
Aguçamos o peito portuguez
N'um ardo bem intenso, devotado

A'quelle d'entre todas as nações
Que nos deu disputada a primazia,
A' civilisação quando os clarões
Solta, qual d'um sol novo que irradia.

A nação nossa hoje é, sim, bem pequena,
Mas sempre é grandiosa a sua historia;
Ao declinar da aurora que era amena
Garante-nos dos feitos inda a gloria.

Pois relembrados d'ella nós, então,
De Lisboa aos bons filhos ajuntamos
Os brados todos d'alma e coração,
Que nosso preito assim bem lhes rendemos.

A patria estremecida nós amamos
Sens feitos collossaes commemorando;
Como filhos que assim a saudamos
Seus bravos martheiros exaltando.

Exultemos, por fim, com a nação,
Na festa que hoje lhe é tam consagrada;
E o cumulo, então, tenha da ovação,
A nossa patria qu'rida e muito amada.

ABEL DE FREITAS

SALÕES E VIAGENS

Esteve entre nós, retirando-se ante-hontem para Penamacôr, o sr. alferes d'infanteria 21, Gaspar do Couto Ribeiro Villas.

Já estão completamente restabelecidas as ex.^{mas} srs.^{as} D. Delfina Candida Vieira de Castro Brandão, D. Carolina Vieira de Castro Brandão, e os srs. João Chrysostomo Brandão e Manuel Brandão.

Esteve incommodado achando-se já em via de restabelecimento, o sr. Augusto Fernandes, aspirante dos correios e telegraphos.

Regressaram do Porto, onde se demoraram alguns dias, os srs. visconde do Paço de Nespereira e Domingos Freiria.

Lança o Pellion sobre o Ossa;
Põe-lhe em cima um catavento;
Qualquer noz é uma carroça,
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affrenta;
Não vacilla, não desmaia;
Com um lapis já sem ponta
Abre um tunel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua
Vallados para as sementes;
Os alviões e a charrua
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa,
Brilha o fulgor das espadas;
Deem-lhe a hydra de Lerna
Que a vae matar... ás dentadas!

Com todas as qualidades
Da *menagere* exemplar;
Em quanto o irmão faz cidades,
Bebê prepara o jantar.

PAPEIS VELHOS

NA PRAIA

Eu meca amel assim, minha senhora!
Nunca pude exhibir em plena praça
Toda a amabilidade e boa graça
Da minha gentileza testadora.

Ou bem que se ama, ou bem que se amora.
Pois que vossa excellencia assim me abraça,
E eu n'este abraço vejo tanta ameaça
De que isto é serio, ah! vamo-nos embora!

Pouhamo-nos a andar! Quero-me ao largo,
Onde a babilonica malezada
Não haja de tomar-nos a seu cargo.

Porque, enfim, isto pode não ser nada,
Mas, em obras d'amor, qualquer embalo
E' de a gente ficar contrariada.

P.

Grande crime

Um homem assassinado com 18 facadas!

O objecto de todas as conversações continua a ser o assassinato de que foi victima o misero André Exposto, cujo crime nós relatamos minuciosamente, como os nossos presados leitores já tiveram conhecimento.

Quando nos referimos no ultimo numero ás diligencias e capturas importantes que se deviam fazer no dia em que sahiu o nosso jornal, foi porque o sr. administrador teve conhecimento mais ou menos vago de que Antonio José da Costa, mudo, da rua das Hortas, tivera uma questão, haveria um mez, com o fallecido, na venda do Requinta. Effectivamente, como nos disse a creada d'este senhor, o mudo teve a altercação n'aquella venda, presumindo-se d'ahi que fora este o auctor do horrroso crime. No dia immediato procedeu-se-lhe em casa a uma busca, encontrando-se dois lençoes com sangue, escondidos n'uma lenha, e tres paus manchados também de sangue, sobre tudo um d'elles que pertence ao mudo. Preso este, dois seus irmãos e os paes, e minuciosamente interrogados, conheceu-se a sua innocencia, mas a proveniencia do sangue encontrado no pau ainda não se esclareceu, crêmos nós.

Ante-hontem foi preso um tal José da Costa, o *Vinagreiro*, solteiro, caador, de 18 annos, morador na rua do Castello, sobre quem recabem agora graves suspeitas. Este individuo teve relações amorosas com a *Parrôla*, que ainda se acha presa, e quando se zangava com esta, dizia-lhe—tens estado com o *Coro*?—referindo-se ao infeliz André.

N'uma busca, que se lhe deu em casa, foi-lhe encontrado em revolver carregado.

Como não podemos colher informações da auctoridade administrativa, que guarda o maior sigillo na descoberta do crime, entrevistamos

Dorme a boneca ao pé d'ella,
No berço. De quando em quando
Bebê escuma a panela,
Que está fervendo e cantando

Mexe o guisado e a fritura,
Vê se tem o sal bastante,
E sentando-se á costura
Com ar meigo, radiante,

Emquanto a creança loira
Dorme o bom somno florido,
C'ó a illusão d'uma tesoura
Talha a illusao d'um vestido.

Mas são horas; o irmãosito
Já deve de andar caçado
Das construcções de granito
E da rabica do arado;

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
E' necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa.

uma filha da *Parrôla*, creada de servir na taverna de Traz de S. Paio, onde o André costumava ir beber.

Disse-nos que o *Vinagreiro* teve ha tempos uma desordem com sua mãe, querendo-a matar com um punhal. Que lhe viu por diferentes vezes uma navalha, o punhal e o revolver, e que elle dizia abertamente que havia de matar um homem, porque não tinha medo de ir para a Africa, onde já esteve, e a justiça para elle nada valia. Que o *Vinagreiro* devia conhecer o André, pois que estava sempre a fallar um *Coro* a sua mãe.

Este preso está incommunicavel, tratando-se agora de bem esclarecer se lhe cabe ou não a responsabilidade do crime.

Por enquanto ainda nada se averiguou de decisivo com referencia ao *Menor*.

Hontem foi interrogado no tribunal judicial pelo meretissimo juiz, no processo por que se acha pronunciado pelo bestial attentado contra sua filha.

Teem-se praticado outras diligencias de pouca importancia, assim como prisões, que não vale a pena relatar.

NOVIDADES

EXPEDIENTE

Até nova prevenção, desde hoje em diante *O Progresso* publicará gratuitamente, á excepção do sello devido a Fazenda Nacional, todos os annuncios judiciaes, revertendo o producto de taes publicações, nos inventarios de menores em beneficio dos mesmos menores, e nos processos civis em beneficio das respectivas partes.

D'esta nossa deliberação esperamos que o meretissimo curador geral dos orphãos n'esta comarca se dignará acceital-a a bem dos menores, a quem pomos á disposição o nosso jornal.

Eguaes beneficios concedemos á Santa Casa da Misericordia.

Como é em favor d'um estabelecimento de caridade publica, crêmos que o sr. provedor acceitará este nosso offercimento.

Sessão camararia de 21 de maio

Presidente: dr. Motta Prego; veadores: dr. Anthero, Manuel Victorino, Candido de Carvalho e Silva Basto.

Foram lidos os requerimentos dos seguintes individuos: Domingos de Carvalho, de Santa Maria de Souto; Gaspar da Silva, de S. Torquato; Manuel Alves, de S. João d'Airão; Manuel Martins, de Guardizella; Manuel Pereira, de Polvorcira; D. Au-

Vede: que riqueza aquella,
Que Trimação infantil!
Ha na marca da baixella
A assignatura de Abril.

Nunca loiza tão preciosa
Vio mesas de embaixadores:
Os pratos — folhas de rosa,
E os copos — urnas de flores.

Tem a opulencia excessiva
D'uma saturnal pagá:
Só para cada conviva
Quatro bagos de romã!

(Continúa).

GUERRA JUNQUEIRO.

FOLHETIM (3)

TRAGEDIA INFANTIL

III

OS DOIS

Uma vez, todo offegante
Andava pelo jardim,
Ruidoso como um gigante
E alegre como um clarim,

A erguer co'as mãos pequeninas
A obra do mundo inteiro:
Roma das sete colinas
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo
E agulhas dos pinheiras
Elevão ao azul profundo
As torres das cathedraes.

na de Jesus Alves Vieira, de Aroza; Maria da Silva, de S. Claudio do Barco; João Fernandes d'Araujo Pedrosa, de S. Miguel das Caldas; Antonio de Souza Pinto e Gaspar Antonio Pereira Guimarães, d'esta cidade.

* Resolveu-se que seja admitida no hospicio dos expostos uma creança de nome Francisca, filha de Francisco de Souza e de sua mulher Joaquina Rosa de Jesus, da freguezia de Pencillo, visto que o pae é indigente e a mãe se acha alienada.

* Resolveu-se que na praça do mercado d'esta cidade, seja designado para a venda d'aves, um espaço de terreno para as regateiras e outro para as pessoas não regateiras, ficando encarregado de fazer essa designação o vereador sr. Manuel Victorino da Silva Guimarães.

* Resolveu-se que na povoação das Caldas de Vizella seja vendida em leilão, no dia 5 do proximo mez de junho, uma porção de pedra que não tem applicação para obras do municipio e se acha depositada por traz da fonte da Lameira, na dita povoação.

* Resolveu-se nomear Antonio Luiz Guimarães e Albino José da Silva Guimarães, d'esta cidade, para procederem á avaliação do terreno que nas Caldas de Vizella o rev. Francisco da Silva Bravo e sua mãe foram obrigados a recuar na occasião em que lhe foi dado o alinhamento para a construcção d'uma casa na rua de Joaquim Pinto.

Fallecimento

Victimado pela tuberculose falleceu ultimamente n'esta cidade o exemplarissimo ecclesiastico, sr. Antonio Gualberto Pereira.

Foi uma preciosa existencia que Deus chamou para junto de si, para premiar as nobres acções de bem fazer, que o saudoso extinto praticou n'este oceano de martyrijs, onde era tão querido e tão estimado por todos que o conheciam.

Guimarães, sem distincção de classes sociaes, prestou a ultima homenagem ao fallecido assistindo aos funeraes que tiveram logar no templo da V. O. T. de S. Francisco, onde era impossivel comportar tanta gente.

A falta de espaço com que lutamos no numero passado não nos deixou referir este infeliz successo; mas hoje, embora tarde, cumprimos um sagrado dever lançando na campã do nosso querido amigo as torrentes de lagrimas que elle nos fez brotar.

Descancé em paz!

A distincta familia d'elle o cartão da nossa dôr.

Desordem e ameaça

No domingo passado embrulharam-se em desordem n'uma taberna do campo de D. Affonso Henriques, um tal Marianno, solteiro, sapateiro, de 38 annos, morador na rua de Traz Gaia, e José Cardoso, casado, caidador, da rua de Santa Cruz, permutando o seu sopapo, no que o Marianno não levou talvez o melhor partido. A mulher de Cardoso, Balbina Rosa, apresentou-se na administração do concelho queixando-se de que o Marianno ameaça seu marido, dizendo que o ha de esperar com uma faca á entrada de sua casa, pelo que receia que este leve as ameaças a cabo.

Julio Dogber

Pedimos desculpa a este nosso querido amigo de lhe não publicarmos hoje os seus versos.

A abundancia de sua sahuada, que hoje temos, obriga-nos a guardar a sua poesia para o proximo numero. Desculpe-nos, sim?

Matrizes novas em reclamação

Na repartição de fazenda d'este concelho, em virtude do despacho ministerial de 8 do corrente, estão em reclamação pelo prazo de trinta dias, desde o dia um a trinta do proximo mez de junho, as novas matrizes predias das freguezias de S. João e Santa Maria de Airão, Brito, Cadoso, Creixomil, Gondar, Paraiso, Roufe, S. Jorge e S. Christovão de Selho, Silvares e Vermil, para que, dentro d'esse prazo, todos os contribuintes as possam examinar e reclamar para a Junta o que tiverem por conveniente a bem dos seus interesses, com o fundamento em alguma das disposições do art. 145.º do regulamento de 25 d'agosto de 1881, devendo provar com documento, quanto á transferencia de predios, que d'ella não é devida contribuição de registro por título gratuito ou oneroso.

Com a bocca na botija...

O José Camões, solteiro, surrador de preto, da rua da Caldeirão, tambem foi na ultima segunda-feira até ao corredor da administração do concelho á cata de informações com que o pudessem illucidar do crime de assassinato que se investiga, porque, segundo dizem, os jornaes para elle não passam de lérias e tréas.

No grupo onde se encontrava abriu-se uma polemica calorosa — porque foi assim... porque não foi... mentes tu... fallas tu verdade... — e vae de disputa em disputa, o Camões, querendo comprovar o que tinha exposto, *catrapuz!*... proferiu algumas obscenidades. O sr. administrador, que ia a passar, *zás!*... prende-o e manda-o até ao *chelindrô*.

Uma rolêta franquada ao publico

No largo de Nossa Senhora da Guia está aberta uma casa onde se dão sessões publicas com a machina Edison, que *falla, canta, ri e chora*, como diz o seu proprietario. A sombra d'este divertimento está ali funcionando uma machina a vapor, ou antes uma *rolêta* em miniatura, com os n.ºs 1 a 8, o respectivo 0, pares, impares e côres, abonando a quantia de 30\$000 réis.

Apezar da honradez apregoada nos prospectos que foram distribuidos ao publico, os *ponchos* são na sua maior parte filhos familias.

Para que o *homensinho não gane o dinheiro a vapor*... recomendamos ao sr. administrador do concelho o assumpto, esperando que s. ex.ª se digne prohibir aquella *innocente brincadeira*.

Um faquista menor

N'um dos ultimos dias, um filho d'uma tal Rosa Cadeiras, de 12 annos, marceneiro, ao serviço do sr. Francisco Candido Pinto, desaveio-se com outro rapaz da sua idade, no largo de S. Paio.

Como não leve a palma metta a mão no bolso e puchou por uma navalha de ponta e móla de 24 centimetros de comprimento, com a qual tentava agredir o seu adversario. O sr. Antonio Ferreira Ramos, negociante d'aquelle largo, que presenciou o facto, lançou-lhe as mãos e desarmou-o, ficando com a navalha em seu poder.

Dizem-nos que este pequenino *faquista* tambem anda armado de *revolver!* Dá boas esperanças, não tem duvida!

Aqui fêra relatado o facto para o sr. administrador applicar o castigo que este gaiato merece.

Mouro na costa!

Dizem-nos que na ultima sessão camararia houve calorosissima discussão entre o sr. dr. Motta Prego e o incansavel pugador da estrada da Penha, sr. dr. Anthero, discussão originada por questões que se prendem com aquella estrada.

Que o sr. dr. Anthero não abandone nem um instante só a importante questão e que não se deixe levar pelos *artifices*, são os nossos desejos e os de todos os vimaranenses, que estamos reconhecidos para com s. ex.ª pela vontade de ferro que tem empregado na defeza d'um interesse geral.

Um mendigo condecorado

Hontem andou a mendigar n'esta cidade um soldado expedicionario, que fez parte dos heroes que prenderam o Gungunhana.

O infeliz, que está impossibilitado de trabalhar, trazia ao peito a medalha de Torre e Espada com que foi condecorado.

Audiencias geraes

Estão abertas as audiencias geraes no juizo de direito d'esta comarca, que hão de julgar os seguintes reus no proximo mez de junho:

Dia 3—Avelino Gonçalo d'Almeida, pelo crime de falsificação de firma. E' defensor o sr. dr. Andrade.

Dia 7—Antonio José da Costa Ruivães, menor, marçano, d'esta cidade, pelo crime de envenenamento. E' defensor o sr. dr. Motta Prego.

Deve ainda estar na ideia de todos, que este Ruivães tentou, em 7 de junho de 1897, envenenar seu patrão o sr. José d'Oliveira Meira, droguista á rua de S. Damaso, para o que lhe deitou uma porção de strychnina no café do almoço. Este pequenino criminoso confessou na occasião que foi preso, que o queria matar porque não queria estar ao serviço d'elle!

O sr. Meira foi salvo da morte pelos immediatos socorros do distincto medico sr. dr. Antonio Baptista Leite de Faria.

Theatro

Uma *troupe* da companhia do theatro portuense Principe Real, sob a direcção do sr. Julio Solter, vem a esta cidade dar dois espectaculos nas noites de 7 e 9 de junho proximo, levando á scena, na primeira noite, *Gloria de Portugal* e a comedia *Cocard & Ricoquet*, e na segunda *O Palhaço*.

O preço da assignatura, que se acha aberta na Tabacaria Havaneza e na loja do sr. Salgado, ao Toural, é: camarotes de primeira ordem, frente, 4\$500; lados, 4\$000 réis; segunda ordem, frente, 5\$000; lados, 4\$000 réis; terceira ordem, frente, 2\$400; lados, 2\$000 réis; cadeiras: superior 1\$000 réis; geral 800 réis; galerias 200 réis.

Na Tabacaria Havaneza tambem desde já se acha aberta a assignatura para duas recitas que a companhia do theatro do Gymnasio, de Lisboa, tenciona dar no D. Affonso, nas noites de 24 e 25 do mesmo mez, levando o *Commissario de Policia* e a *Receita dos Lacedemonios*.

Espancamento n'uns menores

N'um dos dias da penultima semana, Rosa, mulher de Vicente Pinheiro, serralheiro, moradora nas Lages, espancou os menores Damiano, de 8 annos, filho do sr. An-

tonio de Souza Pinto, marchante, José, de 10 annos, e Bento de 7, filhos de José Ferreira Soares, barbeiro, morador n'aquella rua.

O facto, que constitue um crime previsto e punido pelo Codigo Penal, foi participado ao poder judicial, que instaurou o respectivo processo.

Captura e remessa de preso

O sr. administrador do concelho de Santarem officiou ao seu collega d'aqui pedindo-lhe a captura de Antonio José Antunes Guimarães, que abusando da confiança d'um cavalheiro d'aquella cidade ausentou-se com a quantia de 80\$000 réis, que lhe havia sido confiada para entregar em Lisboa.

Preso na freguezia de S. Jorge de Selho, pelo respectivo regedor, confessou o crime, sendo remettido ao requisitante por um policia que d'aquella cidade veio para o conduzir.

Theatro Guinól

De Fafe chega amanhã a esta cidade, ás 9 horas da noite, a companhia ambulante d'este theatro, que vem dar uma serie de espectaculos n'um barracão que se vae construir no largo do Campo da Feira.

Na Senhora da Guia apeiam-se dos carros e seguem em marcha pelas ruas da cidade, tocando a *charanga* as mais *excellentes* peças do seu variadissimo repertorio popular.

Alegrem-se os petizes e as sopeiras!

Commissão districtal

A commissão districtal mandou remetter ao sr. administrador d'este concelho o accordão que julgou as contas da irmandade de S. João Baptista, da igreja de S. Domingos, relativas aos annos de 87-88 até 93-94, para o fazer intimar aos gerentes fallecidos, nos termos do Cod. do Proc. Civil.

Romaria da Lapinha

Tem amanhã logar a romaria da Virgem Nossa Senhora da Lapinha, que se venera na freguezia de S. Lourenço de Calvos, d'este concelho.

A tradicional *ronda* entra n'esta cidade no dia 19 de junho proximo.

Romaria do Espirito Santo

Realisa-se hoje a grande romaria do Espirito Santo, no Sanctuario do Bom Jesus do Monte, da vizinha cidade de Braga.

D'esta cidade costumam ir muitos romeiros.

Callicida Franco

Recomendamos este excellente callicida que está á venda na vidraria do sr. Agostinho das Neves Guimarães.

Aproveitem, pois, as pessoas que soffrem.

ANNUNCIOS



AGRADECIMENTO

Maria da Natividade Meirelles de Campos Henriques e Arthur Alberto de Campos Henriques procuraram agradecer a

todas as pessoas os obsequios e as demonstrações d'apreço e estima que lhes dispensaram por occasião da doença e morte de seu presado pae e sogro José Joaquim Peixoto de Meirelles; como é porém possivel que, apesar dos seus desejos e esforços, tenha havido alguma omissão, veem por este meio pedir desculpa de qualquer falta involuntaria protestando a todos o seu muitissimo reconhecimento.

Guimarães, 12 de maio de 1898.

Maria da Natividade Meirelles
Campos Henriques
Arthur Alberto de Campos Henriques.



CONVITE

A Camara Municipal d'este concelho de Guimarães

Convida todos os titulares, commendadores e cavalheiros das differentes ordens militares e civis, a comparecerem na igreja da Insigne e Real Collegiada, d'esta cidade, no dia 9 do proximo mez de junho, pelas 5 horas da tarde, para fazerem parte do prestito na procissão do *Corpus Christi*.

Guimarães e Paços do Concelho, 28 de maio de 1898.

O Presidente,

Antonio Coelho da Motta Prego.

COSINHEIRA

Offerece-se uma cosinheira aos dias. Rua d'Alegria, 52.

Agradecimento

Os abaixo assignados veem por este meio patentear o seu mais profundo e indelevel reconhecimento de gratidão para com todas as ex.^{mas} damas e cavalheiros que os visitaram e se interessaram pelos seus estados de saude durante a enfermidade que os assaltou, não podendo deixar de especialisar a eterna gratidão de que igualar se confessam credores para com o distincto medico vimaranense, o ex.^{mo} sr. dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, que mais uma vez lhes dispensou os carinhos e zelos que umas perigosas enfermidades requeriam, a quem, depois de Deus, devem os seus completos restabelecimentos, cujas vidas se achavam ameaçadas por um desenlace fatal.

A todos, pois, a nossa muita gratidão, o nosso limitado prestimo e o de nossa casa.

Guimarães, 29 de maio de 1898.

Delfina Candida Vieira de Castro Brandão

João Chrysostomo Brandão

Carolina Vieira de Castro Brandão

Mmanuel Vieira de Castro Brandão.

O PROGRESSO

MERCEARIA E SABOARIA

DE

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA REIS

14, RUA DE CAMÕES, 18 — GUIMARÃES

Acaba de abrir-se ao respeitavel publico vimaranense este novo estabelecimento de mercearia e saboaria, sito na rua de Camões (ás Laginhas), onde está exposto à venda um sortido variadissimo de generos alimentares e demais artigos que dizem respeito a este ramo de negocio.

Vinhos finos e de mesa engarrafados, superior qualidade, e sabão recebido directamente das principaes fabricas do Porto e Lisboa.

A' nova mercearia em frente ao tanque da rua de Camões (ás Lages)

NOVO HOTEL PORTUENSE

DE

José Mendes de Castro

N'este conceituado hotel, estabelecido n'um dos logares mais apraziveis d'esta cidade, encontrarão os seus hospédes bons aposentos e um esmerado serviço de meza, para o que tem pessoal competentemente habilitado.

Especialidade em vinhos verdes das melhores procedencias.

Rua de Payo Galvão
(Em frente á praça do mercado)

GUIMARÃES

EMPRESA DAS AGUAS DE VIDAGO

FONTE DE SABROSO

A MELHOR, A MAIS AGRADAVEL E A MAIS BARATA

AGUA DE MEZA

Garrafa de 1/4 de litro	80 réis	} com garrafa
" 1/2 "	120 "	
" 1 "	160 "	

A unica que pela sua composição mineralogica pôde ser exportada para os paizes tropicaes sem receio de deterioração.

Grandes descontos aos snrs. revendedores e consumidores.

Deposito geral no Porto: Affonso Dias — Carlos Alberto, 66 a 68
Unico deposito em Guimarães: Manuel José dos Santos

NOVO COLCHOEIRO

ANTONIO PLACIDO DA SILVA PEREIRA

41 — LARGO DA SENHORA DA GUIA — 43

GUIMARÃES

N'esta colchoaria encontra-se à venda, sem competidor, camas de ferro a principiar em 18500 réis; camas americanas a principiar em 48500 réis; lavatorios desde 300 réis para cima; aparelhos de zinco para quarto a 700 réis o par; capachos, esteiras, tapetes e outros artigos pertencentes à sua arte, assim como colchões de palha desde 800 réis; de palha e folhelho desde 18000 réis; folhelho simples desde 18800 réis. Também faz de encomenda colchões de crina animal ou vegetal, sumatma e lâ. Capachos de côco a principiar em 900 réis.

Encarrega-se de tapetar ou esteirar salas e pôr cortinados, reposteiros, transparentes, etc.

ESTABELECIMENTO DE DROGARIA

DE

JOSÉ D'OLIVEIRA MEIRA

59, RUA DE S. DÂMASO, 61

GUIMARÃES

Molduras para caixilhos, cimento, enxofre, telha, crystaes, tintas, vidros, oleos, papeis pintados e muitos artigos de drogaria. Compra, vende e troca cereaes, bem como o seu proprietario se encarrega de mandar deitar vidros, compor claraboias e telhados, por preços excessivamente baratos.

Tambem vende madeira, bem como carvão de côk, pelo preço de Braga.

Atenção

Jeronymo Vaz da Costa Guimarães participa ao respeitavel publico, que junto ao seu estabelecimento de mercearia abriu de novo um deposito de vinhos finos e de mesa, do Porto, de primeira qualidade, fornecidos pela casa Rodrigues Pinho & C.^a, de Villa Nova de Gaya.

Estes vinhos devem ser preferidos para uso de todos, e com especialidade para convalescentes, esperando por isso a concorrência dos consumidores e conhecedores d'este genero para de prompto se orientarem de que são superiores, e que a sua proveniencia é só do Alto Douro, os quaes serão vendidos por preços modicos.

Para os snrs. revendedores ha preços fixados na tabella fornecida pela casa.

LARGO DA SENHORA DA GUIA, 37
GUIMARÃES

ATELIER DE PINTURA
DE
DOMINGOS ANACLETO
5 — Rua de D. João I — 7
Guimarães

O proprietario d'este novo atelier toma a seu cuidado todos os trabalhos de pintura e decoração, taes como: pinturas de taboetas, brazões, egrejas, casas, douramentos, retratos a oleo e crayon, paizagens, retoques de pinturas antigas e trabalhos em vidro.

Modicidade nos preços

CIRURGIÃO - DENTISTA

Francisco Jacintho, cirurgião-dentista plenamente approvedo pela faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, participa ao respeitavel publico que abriu o seu consultorio de cirurgia dentaria, com serviço permanente, na rua de S. Dâmaso n.º 17-1.º — Guimarães.

Tem à venda elixires e pasta de glicerina.

DECLARAÇÃO

Miguel Dantas, proprietario da fabrica de Laticinios, de Coura, declara, para evitar abusos, que actualmente o deposito de manteiga n'esta cidade é unica e exclusivamente na mercearia e confeitaria de Manuel José de Carvalho, successor de Cerqueira Junior.

Paredes de Coura, 7 de Maio de 1898.

Miguel Dantas.

Machina Typographica

Na typographia Minerva, onde se imprime este jornal, vende-se muito em conta uma machina indispensavel, "Alauzet", quasi nova. O interior da rama é de 50 x 63.

Para vêr e tratar na mesma typographia.

Carvão de coke

Por preço sem competencia, por junto e a retalho, vende-se na rua da Rainha n.º 18 e 20 (antiga Porta da Villa) — Guimarães.

RIO DE JANEIRO

SAMPAIO, OLIVEIRA & C.^A

RUA DO GENERAL CAMARA N.º 13

RIO DE JANEIRO — BRAZIL

Os agentes do BANCO DO MINHO, no Rio de Janeiro, encarregam-se de receber juros de apolices do Governo, dividendos de Bancos e Companhias, heranças, legados, alugueis de casas e bem assim da compra e venda de papeis de Bolsa, de predios, etc., etc., mediante modica commissão.

Para informações e demais explicações, no Banco Commercial de Guimarães, n'esta cidade.

JOSÉ D'OLIVEIRA REDE

(ANTIGA CASA VILLA POUCA)

GUIMARÃES

Vinhos finos do Alto Douro e verdes d'esta cidade

VINHOS FINOS

Velho de 1840	Garrafa	1\$200
" de 1863	"	800
Bastardo, velho, de 1872	"	500
Velho, de 1883	"	400
" em prova secca, de 1887	"	300
Malvazia (2.ª qualidade)	"	360
Tinto	"	240
Lagrima	"	200

Todas estes preços são sem garrafa.

VINHOS MADUROS DO DOURO

(A RETALHO)

Branco, da quinta de Balsemão	1/2 litro	130
Tinto, da quinta do Predocouto, da Regoa	"	120
Douro, de 1895	"	80
Vinhos de meza, maduros, os mais especiaes da quinta de Balsemão	"	80
Vinho verde, branco, 1.ª qualidade, especialidade	"	70

Vinhos verdes dos melhores pontos das immediações d'esta cidade, para 60, 50 e 40 réis o 1/2 litro.

Faz-se o abatimento de 6 p. c. em todos os vinhos finos e maduros, a quem comprar de 12 garrafas para cima; e igual abatimento nos vinhos maduros a quem comprar quantidade superior a 24 litros.

Quem duvidar da especialidade e da pureza d'estes vinhos, pôde sujeital-os a um exame chimico.

E' esta a casa mais antiga e a mais acreditada d'esta cidade e a unica que prima n'esta especialidade.



Antonio d'Araujo Salgado

TOURAL

Este acreditado estabelecimento acaba de receber das principaes casas do Porto e Lisboa, chapéus e côrtes de vestidos da ultima moda, bem como um grande sortido de confecções para os mesmos.

Junto a este estabelecimento tem um atelier de costura montado em condições necessarias a uma casa d'esta ordem.

1. TOURAL. 3

Editor, João da Silva — Typographia Minerva